

## Da amizade em Álvaro Moreyra

Joëlle Rouchou  
Casa de Rui Barbosa

“Parce que c’était lui, parce que c’était moi” com essa frase mágica mergulhei na adolescência acreditando que amizade e amor eram os dois sentimentos emblemáticos que norteariam a vida toda. Ler os *Ensaïos* de Montaigne e sorver a descrição da amizade entre o autor e seu amigo prematuramente morto, La Boétie, me parecia um exemplo de virtude a seguir.

Tratava-se de uma conduta pessoal, acalentar os amigos, tê-los à mão e sabe “cultivar seu jardim” como ensinou Voltaire. A amizade aparecia como terreno da esfera individual, um espaço íntimo. Não pensaria pudesse transformar-se em projeto de pós-doutorado. É um estado de espírito, de algo que se guarda “do lado esquerdo do coração”. E lá permaneceu essa emoção.

Entretanto, os avanços da pesquisa e estudos nas Ciências Sociais vêm abrindo seu campo para as esferas mais íntimas dos homens oferecendo a possibilidade para estudos sobre a amizade. Um escritor e poeta da virada do século XIX para o XX, Álvaro Moreyra, se apresenta como objeto de estudo da amizade, uma vez que suas ligações o tornaram um homem de sociabilidade invejável para seu tempo. Criou boletins, editou várias publicações que congregaram amigos, oferecia festas e jantares memoráveis em sua casa de da rua Xavier da Silveira, em Copacabana. Fez parte do grupo dos poetas simbolistas, o Grupo dos Sete, que vieram do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX.

Este movimento veio da França no final do século XIX e teve boa repercussão no Brasil, como reação ao Parnasianismo, segundo COUTINHO (1969). Era o estilo que dominava, juntamente com o Realismo e o Naturalismo, desde a década de 1870. Um dos poetas expoentes francês do movimento é Stéphane Mallarmé. A ideia do movimento “Baseia-se no subjetivo, no pessoal, na sugestão e no vago, no misterioso e ilógico, na expressão indireta e simbólica.” Os objetos deveriam ser evocados e não nominados para que permanecessem num certo clima de encantamento, de subjetividade. A. Hauser, apud COUTINHO (1969) diz que o Simbolismo “(...)

descobriu algo que ainda não havia sido conhecido ou enfatizado antes: a “poesia pura”, a poesia que surge do espírito irracional, não-conceitual da linguagem, oposto a toda interpretação lógica. Para o Simbolismo, a poesia nada mais é do que a expressão daquelas reações e correspondências, que a linguagem, abandonada a si mesma, cria entre o concreto e o abstrato, o material e o ideal, e entre as diferentes esferas dos sentidos.”<sup>1</sup> No Brasil, Coutinho aponta que o movimento sofreu oposição e hostilidade frente ao prestígio do Parnasianismo, que condicionou o surgimento da Academia Brasileira de Letras. Entre os primeiros poetas estão Cruz e Souza e o amigo de Moreyra, Alphonsus de Guimaraens. Zilberman (1986:8) compreende a literatura daquele período como tensão entre Simbolismo e Regionalismo “reproduzindo em escala menor o jogo e a polarização que alimentam a literatura brasileira até a chegada dos modernistas, aos quais competirá acrescentará outras peças ao tabuleiro.”

Álvaro Moreyra e seu grupo escolheram o Simbolismo como forma de expressão poética, apesar do poeta não aceitar rótulos, como sublinha Zilberman sugerindo leitura da autobiografia. Em *As amargas não* (1954:33), Moreyra afirma:

A minha geração teve muitas influências. Mas ninguém, nela, ganhou mais metros do que eu. (...) Também me puseram numa porção de escolas. Pery Melo que se suicidou em 1913, garantiu que eu era da ‘escola parnasiana’. Outros, que nunca se suicidaram, garantiram que eu era da ‘escola simbolista’. Ribeiro Couto fechou-me, por uns tempos, na ‘escola penumbriista’. Em 1924, fui posto na ‘escola futurista’. Graça Aranha declarava que eu pertencia à ‘escola modernista’. Para Tristão de Ataíde, em 193, a minha escola era a ‘católica’. Ora, eu não pedi matrícula em nenhuma dessas escolas. Na verdade, fui sempre um grande gazeteiro. Eis o que explica a ‘minha escola’ e o que deixo de mim. Nem fábula nem poema em prosa. Qualquer coisa entre. Com ou sem enredo.

Para Zilberman “A presença do Simbolismo na obra de Álvaro Moreyra é verificável em suas letras, amizades e versos que escreveu.” O círculo dos amigos intelectuais, a convivência em várias frentes desde acadêmicas até mais pragmáticas como a execução de revistas, nos dá pistas para uma investigação sobre as relações de amizade e a intelectualidade na primeira metade do século XX.

Neste cenário de efervescência intelectual notamos a importância dos amigos no cotidiano de Moreyra. Podemos ver dois movimentos ao longo da vida de Moreyra que tratam

---

<sup>1</sup> COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Pág.: 8

dessa especificidade da sociabilidade. Sobre questões de amizade e sociabilidade – já que tratamos de grupos de amigos - um olhar sobre a construção dessas redes de amigos merece nossa atenção. A sociabilidade entre o grupo dos Sete (na virada do século XIX para o XX) e os novos amigos que freqüentam sua casa em Copacabana duas décadas mais tarde é da mesma natureza? Como foram montadas essas redes? Como foram feitas as escolhas?

Numa primeira análise, nos parece que o grupo dos Sete, além das afinidades poéticas – é um grupo formado por imigrantes gaúchos que vem ao Rio de Janeiro para se estabelecerem profissionalmente. As amarras do Rio Grande vão se estreitando e os amigos além de laços fraternos criam elos de trabalho. Ao longo da vida no Rio de Janeiro, já casado com Eugênia Moreyra, Álvaro vai congrega seus amigos em sua casa, um anfitrião lendário que impacta tanto Sergio Porto quanto o escritor Aníbal Machado de quem também foi amigo. O próprio Aníbal alguns anos depois também vai seguir o modelo de sociabilidade de Álvaro, abrindo sua casa em Ipanema aos amigos, convidados e até não-convidados que entravam em sua casa.

Me parece que são dois tipos de amizade: talvez a primeira com o grupo do Rio Grande do Sul seja uma fraternidade, quando há um objetivo comum, mas são pares levando em conta suas diferenças. O segundo grupo de amigos talvez façam parte da sociabilidade brasileira, mantendo normas de etiqueta e cuidando delicadamente das relações de afeto. O cuidado com o amigo pode vir do que Ricardo Benzaquen considera como “hóspede, que mora no coração”. Para ele, mesmo os amigos têm de cumprir algumas regras para essa amizade que passam pela retórica, etiqueta e o tato. Olhar e ter sensibilidade para cuidar do outro e do mundo fazem parte do estabelecimento dessa relação.

O grau e qualidade das amizades talvez possam ser investigados no estudo, tomando como exemplo a amizade de Lélío e Cipião, de Montaigne e La Boétie, a fábula dos Dois amigos de La Fontaine, entre muitos outros. O limite entre amor e amizade também me parece uma investigação possível no caso de Moreyra, uma vez que durante seu casamento Eugênia há várias referências em recortes de jornais da época dando conta do casal carioca que transitava nas rodas intelectuais do Rio e de São Paulo. As cartas e as declarações de amor dos dois, tanto nas cartas que deixar quanto as crônicas e memórias escritas, revelam uma dose importante de amizade, atiçando a curiosidade para esse tipo de relação. Vincent-Buffault (1996) desenha um cenário que conjuga e harmoniza as relações do campo afetivo entre amizade, amor, casamento e poesia.:

No século XIX, o tema da amizade tende a encontrar um novo sopro na poesia, na ficção, na literatura educativa e ao mesmo tempo em que se multiplicam os ensaios sobre o casamento e a vida conjugal.

Álvaro Maria da Soledade da Fonseca Vellino Rodrigues Moreyra da Silva nasceu em Porto Alegre em 23 de novembro de 1888 e morreu no Rio de Janeiro dia 12 de setembro de 1964. Sua primeira publicação foi um livro de poesia, *Degenerada*, em 1909. A escrita sempre foi sua função primordial: bacharel em Ciências e Letras no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo no Rio Grande do Sul, em 1907. Moreyra sai do Sul em 1910, vai estudar no Rio de Janeiro, mas desde então colaborava para os jornais gaúchos *Petit Journal*, *Jornal da Manhã* e *Correio do Povo*.

No Rio de Janeiro consagrou-se como escritor, poeta, jornalista, cronista dirigente e fundador de revistas. Colaborou com as revistas *Fon-Fon* e dirigiu as revistas *Para Todos*, *Dom Casmurro*, *O Malho*, e *Ilustração Brasileira*. Como jornalista escreveu, *Bahia Ilustrada*, *A Hora*, *Boa Nova*, *Ilustração Brasileira*, *Dom Casmurro*, *Diretrizes* e *Para Todos*. Já nas décadas de 1910 a 1930 publicou os livros de crônicas *Um Sorriso para Tudo* e *Tempo Perdido*, entre outros. Entre 1924 a 1958 publicou várias obras, entre as quais *Cocaína* e *Havia uma Oliveira no Jardim*. Em 1937 criou a Companhia de Arte Dramática Álvaro Moreyra com sua primeira mulher Eugênia Moreyra. Em 1939, foi preso por motivos políticos, durante o governo de Getúlio Vargas. Entre 1942 e 1951 trabalhou como apresentador de crônicas, na Rádio Cruzeiro do Sul, e dos programas *Folhas Mortas* e *Conversa em Família*, na Rádio Globo, no Rio de Janeiro. Em 1959 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Sua obra poética inclui os livros *Casa Desmoronada* (1909), *Elegia da Bruma* (1910), *Legenda da Luz e da Vida* (1911), *Lenda das Rosas* (1916), *Circo* (1929) e o póstumo *Cada um Carrega o seu Deserto* (1994).

Interessa-nos compreender como se dão as relações de amizade do escritor Álvaro Moreyra e seus amigos poetas. Formaram o grupo dos Sete, mantinham relações estreitas com encontros seguidos, se escreviam, publicavam em revistas. Viviam num Rio de Janeiro que se descobria moderno. As capitais, especialmente Rio de Janeiro e

São Paulo, em pleno movimento de industrialização no começo do século XX, descobrem nova forma de comunicação: jornais e revistas para a nova massa em formação, com muitas informações espalhadas que vão são reunidas em alguns órgãos de imprensa que cumprem seu papel de organizaras atividades, a agenda da cidade e os pensamentos dominantes.

As transformações na cidade exigem novas formas de convivibilidade entre os indivíduos que compartilham as novas ruas, bondes, salas de cinema, teatro e um bombardeio de informações. As idéias novas, as relações, o pensar a cidade, estão estampadas nas revistas e jornais. No espaço de um novo estilo de texto - crônica – acompanha-se o dia-a-dia da cidade e suas novidades. É um período de construção de novas formas de linguagem.

A efervescência dos anos 20 ainda vigorava naquele momento, uma necessidade de estar aliado ao progresso se fazia presente. A vida urbana em si era uma novidade para a população carioca. Muitas informações chegavam ao mesmo tempo sob forma de obras nas ruas, máquinas, música, moda e notícias de outros países. Para Zilberman:

“Ele [Moreira] acompanhou essa experiência republicana de um extremo a outro e não ficou indiferente aos fenômenos históricos, captando as transformações vividas pela sociedade nacional por quase 50 anos e traduzindo-as nas sua obra, para tanto modificando-a permanentemente e revelando grande capacidade de adaptação aos novos tempos.” (Zilberman, 1986)

Num segundo momento de sua vida, por volta dos anos 30/40 seus novos amigos escritores que iam a sua casa para um tipo de salão literário. Para começar este processo, a leitura de sua autobiografia *As amargas não...* (1954) - é fundamental. Foi escrita em tópicos, parágrafos inserindo poemas, que vão costurando fragmentos de sua memória. Nela, Álvaro vai falar de sua infância no Sul e de sua vida no Rio de Janeiro. Em diferentes momentos refere-se a seus amigos que habitaram sua vida ao longo dos anos. A construção de si a partir do outro, parece importante para a identidade de Moreyra, se percebermos a importância de suas companhias não somente em seu relato, mas também nas crônicas, contos e textos, nos quais faz referências generosas a seus colegas, companheiros e amigos. Se há pouca correspondência trocada entre eles, nos

parece que a arena escolhida para a troca de relações de afeto tenha sido as publicações: em revistas, livros e artigos.

Em *As amargas não...* Moreyra reproduz sete poemas escritos por Eduardo Guimaraens para cada um do grupo do sete amigos. São eles Homero Prates, Felipe d'Oliveira, Francisco Barreto, Álvaro Moreyra, Carlos Azevedo, Antonius e Eduardo Guimaraens. Cada um foi contemplado com 4 a 5 versos, todos começando com "Este" como que escrevendo o que Moreyra chama de "a ficha" de cada um.

*Alvaro Moreyra*  
*Este vem logo após o XIII real, na blague*  
*do número do agouro, e que os aldeães assombra.*  
*Vede-o: é o mais conhecido e atacado dos Sete!*  
*E para que da crítica o estilete*  
*definitivamente o sangue, o espete, o esmague,*  
*vai nos mostrar, por uma sexta-feira,*  
*a claridade estética da SOMBRA*<sup>2</sup>

Há inúmeras referências ao grupo e ao forte elo que os ligava. O grupo chegou a sair em notícia de jornal, em 1911:

'Meliantes  
Ontem à noite, pela cidade baixa, Álvaro Moreira e o seu costumado grupo andavam oferecendo à venda um gramophone. A polícia desconfiou da origem do instrumento e meteu os meliantes no xadrez'.<sup>3</sup>

Em sua análise, Zilberman aponta a importância dos positivistas nesta fase da literatura brasileira que aderiram à estética naturalista e ao pensamento determinista citando Aluísio de Azevedo, Euclides da Cunha, Tobias Barreto, Sílvio Romero, entre outros.

Como homem de seu tempo, vai aderir aos ventos da tecnologia e do moderno que sopram sobre o país. Ele vai se entusiasmar pela estética modernista. Zilberman chama atenção para o fato de que Moreyra dá nova linguagem a seus versos, buscando uma síntese linguística e apresenta uma vertente que será recorrente na obras do autor: o humor. Moreyra vem ao Rio de Janeiro para fazer a Faculdade Livre de Direito. Ativo, em busca de novos horizontes, trabalha na revista *Fon-Fon!*. Nesta encontram-se

---

<sup>2</sup> MOREYRA, Álvaro *As amargas não...* Rio de Janeiro: editora Lux, 1954 p 28.

<sup>3</sup> Idem, p 42

crônicas, editoriais e poemas. Assina, ainda, textos com o pseudônimo de Samuel Tristão. Parece encantar-se com o a tecnologia cada vez mais galopante da indústria gráfica, da reprodução e dirige a revista *Para Todos*, e colabora com *Seleção e Ilustração Brasileira*.

A primeira década do século XX foi um período fértil para as revistas, quando surgem os títulos *O Malho*, de 1902, *Cosmos*, de 1904, *A Careta*, em 1908. Em seu estudo *Revistas em revista*<sup>4</sup>, Ana Luiza Martins contextualiza a importância dos semanários, lembrando que no início do século XIX serviam como espaços para divulgação da literatura romântica. No século seguinte as revistas passam a ditar novas regras de comportamento. Os novos tempos agilizaram a produção e a circulação das revistas “Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação.”<sup>5</sup> A revista é o local da divulgação de reportagens, artigos, “sobre vários temas, ou, ainda em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações”.<sup>6</sup> Esse caráter múltiplo, que atende a várias áreas, oferecendo fragmentos de novidades de um determinado período.

A Semana de Arte Moderna de 1922 consagra definitivamente o termo *moderno* nas artes plásticas envolvendo as demais manifestações artísticas do período. A cidade, o novo burgo com regras de sociabilidade e civilidade expandidas, exerciam um poder ora de fascinação ora de repulsa para escritores do período. Era o lugar onde se vivia a experiência do moderno, do novidadeiro. A cidade é o espaço que favorece uma profissão que vai explodir a partir do desejo do novo: jornalista.

Moreira parece incorporar essa nova profissão em sua carreira: escreve, edita, funda revistas, cria novos estilos de diagramação e faz versos. Os leitores são os maiores beneficiários dessa constelação de publicações no mercado. As revistas falam de política nacional e internacional, crônica social, caricaturas com um dos expoentes brasileiros, J Carlos, que vai ser companheiro de Moreyra na direção da revista *Para Todos*. Essa vida animada da cidade moderna favorece sua tendência à sociabilidade e a busca de novas relações de amizade.

---

<sup>4</sup> MARTINS, Ana Luiza, *Revistas em revista: imprensa e práticas Culturais em tempos de República*. São Paulo(1890-1922). São Paulo:EDUSP:Fapesp:Imprensa Oficial, 2001

<sup>5</sup> Idem pág 40

<sup>6</sup> Holanda, Aurélio Buarque *Novo dicionário da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

Álvaro sempre teve vocação para a vida em sociedade. Promovia encontros de escritores, reunia amigos tanto profissionalmente quanto por lazer. Qual será natureza das relações que ele estabelece com novos colegas, amigos ou companheiros neste segundo momento da vida, em que a cidade do Rio de Janeiro – para o qual escreve o hino *Cidade maravilhosa* – serve como pano de fundo para encontros de repercussão nacional? Nesta capital há a possibilidade de laços intensos de amizade?

A pesquisadora Claudia Mesquita em seu livro *De Copacabana à Boca do Mato: O Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta* registra nas memórias de Sergio Porto as lembranças dos eventos promovidos por Álvaro e sua mulher Eugênia nas noites de Copacabana. Porto tem profunda admiração por Moreyra, considerando-o uma influência importante em sua trajetória de escritor. Requentava as reuniões da na rua Xavier da Silveira, nº 99, Nas décadas de 30 e 40 o casal recebia em sua casa para um salão literário bastante concorrido. Há poucos registros da dinâmica dos salões, algumas lembranças, mas Porto e Manuel Bandeira fazem referência às divertidas festas.

Alvinho era apenas o pai dos seus [Sergio Porto] amigos Sandro, Vivinho e João Bibanca, e o quintal da casa era o local mais atrativo para o menino gordinho, apelidado pela turma do 99 de “O Boi”<sup>7</sup> (...) Recorda-se com ternura de Álvaro Moreyra como “um homem bom, lírico, engraçado, simples”, um vizinho especial “não um vizinho apenas, um amável vizinho, desses que, “no dia posterior à festa, nos manda um pedaço de bolo ou que nos deixa a usar o telefone quando o nosso está quebrado, um desses, enfim, que nos cumula de gentilezas, mas que nunca entra na nossa intimidade”. Para Sergio, “o 99 foi muito mais que a casa ao lado”, foi um modelo de atitudes e o seu primeiro contato com a efervescência intelectual carioca, observado, inicialmente apenas de longe.<sup>8</sup>

Porto chama o escritor pelo apelido gentil como ficou conhecido entre seus amigos mais próximos. A memória afetiva traz de volta o pai dos amigos que foi

---

<sup>7</sup> PORTO Sérgio. As amargas, não... *Manchete*, Rio de Janeiro, 4 set.1954. Um episódio por semana apud MESQUITA, Claudia *De Copacabana à Boca do Mato: O Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

<sup>8</sup> MESQUITA, Claudia *De Copacabana à Boca do Mato: O Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p 89

tornando-se um exemplo para ele. O fascínio exercido do poeta sobre o jovem menino de Copacabana está registrado, além do elenco de intelectuais que lá se encontravam:

Nós não tínhamos ingresso na sala, nosso reino era lá fora, nos fundos. Mesmo assim, recorro as pessoas lá dentro, conversando. Alvinho sentado a um canto, mais ouvindo do que falando, Manoel Bandeira risonho, dona Eugênia pontificando. Os rapazes eram muitos: Mario Cabral, recém formado, tocando piano e rindo a cada piada de Otávio Tirso ou Lúcio Rangel. Carlos Lacerda era mais alegre. Rubem Braga, mocinho e sempre sério. Às vezes um hóspede era novidade... Quando Di Cavalcanti aparecia, a conversa animava, tomava-se vinho. No natal havia uma ceia grande para quase uma centena de pessoas.<sup>9</sup>

MESQUITA (2008) conta que, os crescer, Sérgio Porto passou ter ação mais participativa nas reuniões e relata:

Mais tarde, já rapaz, Sérgio começou a tomar parte dos encontros na casa de Alvinho e dona Eugênia que, da sala, passaram para a varanda, local que costumava frequentar diariamente após o jantar. Sérgio lembra-se da generosidade do anfitrião em dar “igual atenção a todos” recebendo manuscritos para apreciação que ele “não lia, mas opinava [...] repetindo:  
- Persevere, rapaz, persevere que você vai longe!. Talvez um desses conselhos ouvidos ou recebidos, tenha sido válido para o despertar do cronista.<sup>10</sup>

Outro amigo, Aníbal Machado declara sua amizade por Álvaro logo na abertura da orelha do livro *Havia uma oliveira no jardim* (1958):

Chegar aos setenta assim como você acabou de chegar, é um escândalo para os que não sabem envelhecer. E uma lição. Mas não constitui surpresa para seus amigos.

Uma leitura inicial para poder dar conta de uma bibliografia para pensar o projeto aponta para uma série de atores que vão desde os clássicos Aristóteles (*Ética a Nicômacos*), Cícero (“Lélio ou da Amizade”), os *Ensaio*s de Montaigne, até Norbert Elias (*A*

---

<sup>9</sup> idem

<sup>10</sup> idem pág 90

*sociedade da corte*) até chegar a pesquisadores contemporâneos como Anne Vincent-Buffault (*Da amizade*).

As obras de Moreyra desde a biografia até *Havia uma oliveira no jardim* produzem textos interessantes sobre as relações de Álvaro. O autor mantém o hábito de falar de seus amigos, dedica-lhes crônicas, poemas ou até mesmo obituários. A relação com os amigos sai da esfera íntima, muitas vezes, sendo apresentada em público. Leremos sua obra para perceber seus pares e descobrir as teias das redes de amizade dos períodos que escolhemos. Entre os nomes pensados estão Aníbal Machado que a exemplo de Moreyra também abria sua casa para festas e encontros em sua casa, a em Ipanema. Outros escritores também terão suas obras analisadas como Rubem Braga, Lúcio Cardoso para tentar comparar suas memórias para compreender melhor o panorama em que se inseria Moreyra.

## **BIBLIOGRAFIA**

(Bibliografia sugerida para execução do projeto)

**ARISTÓTELES**, (1985), *Ética a Nicômacos*. Brasília, UnB.

**CÍCERO**, Marco Túlio. (s/d), "Lélio ou da Amizade", in *Da Velhice e da Amizade*. São Paulo, Cultrix.

**COELHO**, MC e **RESENDE**, C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010

**COUTINHO**, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana. 1969.

**ELIAS**, Norbert. (1986), *A Sociedade de Corte*. Lisboa, Estampa.

**FUMAROLI**, Marc. (1994), *La Diplomatie de l'Esprit: De Montaigne à La Fontaine*. Paris, Hermann.

\_\_\_\_\_ *Le Poète et le Roi: Jean De La Fontaine en Son Siècle*. Paris, Fallois.

**LA BOÉTIE**, Etienne de. (1982), *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo, Brasiliense.

**MARSHALL**, David. (1998), *The Surprising Effects of Sympathy – Marivaux, Diderot, Rousseau and Mary Shelley*. Chicago, The University of Chicago Press.

**MONTAIGNE**, Michel de. (1984), "Da Amizade", in *Ensaio*. São Paulo, Abril Cultural.

- \_\_\_\_\_ "Da Fisionomia", in *Ensaio*. São Paulo, Abril Cultural.
- MOREIRA**, Álvaro, *A cidade mulher*. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1991,
- \_\_\_\_\_ *As amargas, não...* Rio de Janeiro: Editora Lux, 1954.
- \_\_\_\_\_ *Havia uma oliveira no jardim*. Rio de Janeiro: Jotapê, 1958
- \_\_\_\_\_ *O outro lado da vida* Rio de Janeiro: 1931
- \_\_\_\_\_ *A Cidade Mulher* Rio de Janeiro: Benjamin Costallat, 1923.
- ORTEGA**, Francisco *Genealogias da amizade*. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2002
- PERISTIANY**, J. G. e **PITT-RIVERS**, Julian (eds.). (1992), "Honor and Grace", in *Anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- SILVER**, Allan. (1990), "Friendship in Commercial Society: Eighteenth-Century Social Theory and Modern Sociology". *American Journal of Sociology*, vol. 95, nº 6.
- SMITH**, Adams. (1982), *The Theory of Moral Sentiments*. Indianapolis, Liberty Fund.
- VINCENT-BUFFAULT**, Anne. (1996), *Da Amizade. Uma História do Exercício da Amizade nos Séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ZILBERMAN**, Regina *Alvaro Moreyra* LetrasRio-Grandenses, nº 5 Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, 1986

Outras fontes:

Arquivo Álvaro Moreyra (FCRB)

Arquivo Sérgio Porto (FCRB)